

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

**JEFFERSON FELLIPE JAHNKE**

**O ESTADO ISLÂMICO**

**CURITIBA**

**2016**

**JEFFERSON FELLIPE JAHNKE**

**O ESTADO ISLÂMICO**

**Monografia apresentada para obtenção do título de especialista em Sociologia Política no Curso de Pós-Graduação em Ciência Política, Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná – UFPR.**

**Orientador: Prof. Dr. Alessandro Eugênio Pereira**

**CURITIBA**

**2016**

## RESUMO

Historicamente, os povos muçulmanos lutaram muito contra as potências coloniais que os exploravam. Seu sonho era criar um estado regido pelo Islã. A luta do islamismo radical estendeu-se por quase todo o século XX. A partir da década de 1970 entrou em cena o fundamentalismo islâmico em países como a Arábia, Afeganistão, Paquistão entre outros. Surgiram vários grupos terroristas que pregavam a guerra santa contra outros povos. Em 28 de junho de 2014 surgiu o Estado Islâmico, proclamado por Abu Bakr al-Baghdadi, baseado no salafismo, um sistema que defende um retorno à pureza ideológica e às tradições do Profeta Maomé. Levando em consideração esses aspectos, a presente monografia tem como objetivo analisar a política internacional do Estado Islâmico atual. Para alcançar esse objetivo, num primeiro momento foi analisada a história do povo islâmico, aspectos culturais e religiosos e territoriais. Num segundo momento foi analisado o ressurgimento do islamismo radical, apresentando alguns fatos que contribuíram para isso. Na sequência, foi feito um retrospecto do Estado islâmico, fundação, origens e a política internacional desse grupo. Conclui-se que a política internacional do Estado Islâmico está baseada em atos de terrorismo contra países ocidentais e que, através disso, procura chamar a atenção desses países, ao infringir grande impacto político, econômico e materiais.

**Palavras-chave:** Árabes. Estado Islâmico. Muçulmanos. Religião.

## ABSTRACT

Historically, the Muslim peoples fought hard against the colonial powers who exploited. His dream was to create a state governed by Islam. The struggle of radical Islam has spread throughout most of the twentieth century. From the 1970s he stepped in Islamic fundamentalism in countries like Arabia, Afghanistan, Pakistan and others. There were several terrorist groups who preached holy war against other people. On June 28, 2014 came the Islamic State, proclaimed by Abu Bakr al-Baghdadi, based on Salafism, a system that advocates a return to ideological purity and the traditions of the Prophet Muhammad. Taking into account these aspects, this thesis aims to analyze the current international policy of the Islamic State. To achieve this goal, at first it analyzed the history of the Islamic people, cultural and religious and territorial aspects. Secondly we analyzed the resurgence of radical Islam, presenting some facts that contributed to this. Following, it was made a retrospect of the Islamic state, foundation, origins and international politics that group. We conclude that the international policy of the Islamic State is based on acts of terrorism against Western countries and, thereby, seeks to draw the attention of these countries, the infringing great political and economic impact and materials.

**Keywords:** Arab. Islamic State. Muslims. Religion.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	5
<b>2 O ISLÃ</b>	7
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO POVO ISLAMITA	7
2.2 A EXPANSÃO DO ISLÃ	9
2.2.1 1º Período: Arábia pré-islâmica (de aproximadamente 3.600 a.C. até 622 d.C.)	9
2.2.2 2º Período: Arábia Islâmica	10
2.2.3 3º Período: Dominação Otomana	11
2.2.4 4º Período: Arábia Moderna	12
<b>3 O RESSURGIMENTO DO ISLAMISMO RADICAL</b>	14
3.1 FATORES CONDICIONANTES DO RESSURGIMENTO DO ISLAMISMO RADICAL	14
3.2 A ASCENSÃO DO TERRORISMO ISLÂMICO NO ORIENTE MÉDIO	18
3.2.1 O Hezbollah	18
3.2.2 A Al Qaeda	19
3.2.3 Outros Grupos Terroristas	20
<b>4 O ESTADO ISLÂMICO</b>	22
4.1 FATORES QUE DESENCADAEARAM O NASCIMENTO DO ESTADO ISLÂMICO	22
4.2 FUNDAÇÃO E ORIGENS DO ESTADO ISLÂMICO	23
4.3 A ATUAÇÃO DO ESTADO ISLÂMICO	26
4.4 POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESTADO ISLÂMICO	29
<b>CONCLUSÃO</b>	31
<b>REFERÊNCIAS</b>	32

## 1 INTRODUÇÃO

Durante vários anos os muçulmanos lutaram contra as potências coloniais e posteriormente contra os governos nacionalistas e as alas mais moderadas do islamismo político, tendo como objetivo a criação de um estado regido pelo Islã.

A luta do islamismo radical estendeu-se por quase todo o século XX e como exemplo, a revolução iraniana de 1979 parecia à primeira vista, um modelo ideal de governabilidade e desenvolvimento. Com o correr dos anos tal modelo se mostrou muito aquém da sociedade ideal pregada pelos radicais islâmicos.

A partir da década de 1970, por conta da incapacidade dos governos do Oriente Médio em promover o desenvolvimento social, econômico e político levou a uma descrença da população dos modelos implantados por seus líderes, nos quais havia uma pequena minoria abastada e uma maioria vivendo na mais completa pobreza. Este era o clima ideal para o surgimento de um movimento de renascimento religioso que fundamentasse as bases para a ascensão do islamismo político.

Entra em cena o fundamentalismo islâmico não só na Arábia, mas em outros países como o Afeganistão, o Paquistão, a Indochina, entre outros. Apareceram alguns movimentos radicais que conseguiram conquistar um número cada vez mais crescente de adeptos. Dentre eles, apareceu o movimento rebelde *Mujahedin*<sup>1</sup> contra a potência soviética em sua *Jihad*<sup>2</sup> no Afeganistão. Na década de noventa apareceu a *Al Qaeda*, um movimento composto por veteranos da Guerra do Afeganistão contra os soviéticos. Essa organização cresceu e começou a reivindicar a autoria de diversos atentados terroristas contra alvos ocidentais e israelense.

Em 28 de junho de 2014 surgiu o Estado Islâmico, tema dessa monografia, proclamado por Abu Bakr al-Baghdadi, baseado no salafismo um sistema que defende um retorno à pureza ideológica e às tradições do Profeta Maomé. “Os salafistas consideram a democracia e a modernidade no estilo ocidental não apenas irreconciliáveis com o Islã – para eles são os principais poluidores da civilização árabe” (WEISS, 2015, p. 17-18).

Levando em conta esses aspectos, o objetivo geral dessa monografia é o de analisar a política internacional do Estado Islâmico atual.

---

<sup>1</sup> Guerreiro da Jihad.

<sup>2</sup> Luta em favor de Deus procurando a islamização da sociedade e a luta armada contra os infiéis.

Para alcançar tal objetivo, foram definidos alguns objetivos específicos, tais como: definição dos aspectos históricos, culturais, religiosos e territoriais do Estado Islâmico. Também foram analisados os principais fatos que conduziram à política islâmica atual.

A metodologia utilizada para essa monografia foi a bibliográfica, oportunizada pela consulta a obras de renomados teóricos que investigam o assunto, além de outros materiais da internet.

Esta monografia foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo analisa a caracterização do povo islamita, sua religião, aspectos culturais e outros. Também foram contemplados assuntos como a expansão do mundo em quatro períodos: a Arábia pré-islâmica, Arábia Islâmica, Dominação Otomana e Arábia Moderna.

O segundo capítulo explora o ressurgimento do Islamismo radical, apresentando alguns fatos que contribuíram para isso, mostrando também, uma análise do Hezbollah, Al Qaeda e de outros grupos terroristas.

No terceiro capítulo foi caracterizado o Estado Islâmico, apresentando os fatores que desencadearam o nascimento desse grupo, a fundação e origens, a atuação e a política internacional desse “estado”.

## 2 O ISLÃ

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DO POVO ISLAMITA

Entender o que é o Islã remete, num primeiro momento, à sua religião e aos princípios éticos que regulam o homem e a sociedade islamita. Para compreender a cultura desse povo é necessário reverenciar a sua tradição que provocou mudanças importante da história universal.

O significado do vocábulo Islã se refere à “paz, pureza, submissão e entrega.” (OLIVEIRA, 2001, p. 15). No Islã, toda ação praticada conscientemente, cumprindo a vontade de Deus, é um ato de adoração. Nas palavras de Seda (2004, p. 8):

O significado do nome “Islão” é universal. O Islão não foi assim nomeado devido a uma pessoa ou a uma tribo, como sucedeu com o Judaísmo, que deve o nome à Tribo de Judá, o Cristianismo, que surgiu depois de Cristo, ou o Budismo, que procedeu a Buda. O nome Islão não foi escolhido pelos seres humanos; foi divinamente transmitido por Deus. Trata-se de uma fé global, que não pertence ao Oriente ou ao Ocidente. É um modo de vida completo, que implica a total submissão a Deus.

Os cinco pilares do Islã são, em síntese: 1) a declaração de fé, na qual é preciso prestar testemunho de que não há outra divindade além de Deus; 2) a oração, que deve ser praticada cinco vezes ao dia; 3) o jejum, feito todo ano durante o mês do ramadã; 4) o Zakat, indicando que nossas posses são purificadas com a separação de uma parte delas para os necessitados; 5) a peregrinação anual a Makka (*Hajj*), que é uma obrigação somente para aqueles que são física e financeiramente capazes de empreendê-la (OLIVEIRA, 2001).

Por sua vez, os muçulmanos<sup>3</sup> “acreditam num Deus único, supremo e eterno, infinito e poderoso, clemente e misericordioso, criador e sustentador” (OLIVEIRA, 2001, p. 23). “Os muçulmanos crêem que Maomé é o último dos profetas de Deus. Vêem-no como o aperfeiçoador da obra iniciada pelos grandes profetas hebraicos, Abrão, Moisés e Jesus de Nazaré, mostrando a via de um

---

<sup>3</sup> Muçulmano é o indivíduo que aceita de livre e espontânea vontade o poder de Deus, luta pela reorganização de sua vida de acordo com os ensinamentos revelados por ele (OLIVEIRA, 2001).



verdadeiro monoteísmo”. Desse modo, segundo os muçulmanos “Deus é soberano em sua criação, age de acordo com sua sapiência e vontade, e todo ato que procede de Deus está de acordo com a sua vontade suprema, da qual emanam as leis infalíveis que regem a existência” (OLIVEIRA, 2001, p. 23).

O fiel muçulmano “acredita em todos os profetas de Deus sem distinção entre eles, pois um deles foi escolhido por Deus para ensinar e transmitir à humanidade a sua mensagem” (OLIVEIRA, 2001, p. 23).

A palavra de Deus revelada aos muçulmanos foi:

O Alcorão, revelado em árabe, que é um ponto de fé, no Islã, que, em virtude de sua origem divina, o Alcorão é inimitável e, tendo em conta que traduzir é trair, os muçulmanos sempre desencorajaram e algumas vezes proibiram as tentativas de o transporem para outros idiomas (WILLIAMS, 1964, p. 10).

Os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra de Deus, a expressão direta da vontade divina e de acordo com Robinson e Brown (1997, p. 25):

A sua revelação foi um milagre, testemunhado pela condição de iletrado de Maomé e pela sua ignorância em muitas matérias que trata, e também pela forma literária do próprio livro, que não tem igual na poesia, nem na prosa da época e também não recorda as versões que se conservaram do falar normal do profeta.

Assim, o Alcorão é tão importante para os muçulmanos como o Evangelho de Jesus para os cristãos. Dessa maneira:

Para os muçulmanos o Alcorão não é só o texto das orações, o instrumento de profecia, o alimento do espírito e o cântico favorito da alma. É ao mesmo tempo a lei fundamental, o tesouro das ciências, o espelho das idades. É o consolo e a esperança para o futuro (ROBINSON, 1997, p. 180).

Assim, segundo o entendimento dos muçulmanos, o Alcorão é o registro fiel da palavra de Deus, transmitida pelo Anjo Gabriel e implantada no último de seus profetas, Muhammad (SEDA, 2004).

Um dos milagres do Alcorão é o fato deste ser o auge da literatura por excelência. Realmente, este encontra-se escrito na mais eloquente prosa Árabe alguma vez vista. O seu estilo não tem igual no idioma Árabe original

e atual, a qual é ainda extremamente falada em vários países do mundo, por milhões de pessoas (SEDA, 2004, p. 38).

Dessa maneira, os muçulmanos acreditam firmemente num Deus único e poderoso. O Alcorão, segundo os muçulmanos, “ é o último dos livros enviados por Deus a toda a humanidade” (OLIVEIRA, 2001, p. 30). Importante conhecer também, um pouco da história do Islã.

Além do Alcorão, pode ser citada a Suna, que se refere ao “comportamento habitual do profeta e de seus companheiros, quanto às suas ações, falas, aprovações e desaprovações” (NABAKAN, 1996, p. 24).

Levando em conta esses aspectos, pode-se dizer que a comunidade do Islã “é uma comunidade de fé, fundada na certeza de cada indivíduo de que existe um fim, o qual ultrapassa os interesses individuais e até os interesses do grupo”.

## 2.2 A EXPANSÃO DO ISLÃ

Para compreender a expansão do Islã, é importante conhecer um pouco da sua história, que pode ser dividida em quatro períodos.

### 2.2.1 1º Período: Arábia pré-islâmica (de aproximadamente 3.600 a.C. até 622 d.C.)

A Península Arábica, situada entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico recebeu várias etnias, como os etíopes, os persas e os indus, e “os árabes viviam da vagabundagem e da pilhagem” (MARTINS, 2001, p. 9).

Na Arábia Pré-Islâmica, os habitantes viviam como camelheiros nômades, devidamente ajustados ao clima.

Essa sociedade era patriarcal, sendo o laço sanguíneo a base de formação dos grupos. O beduíno, habitante da estepe do norte da Arábia, era forte e combativo, sabendo conduzir-se contra o inimigo tanto na paz como na luta. Eticamente tratava-se de um povo que associava os conceitos de honra aos de virilidade, e as condições de vida no deserto impunham, como exigência quase sagrada, a hospitalidade (NABHAN, 1996, p. 13).

No século V, a Arábia era percorrida por caravanas, mercadores e expedições militares. O núcleo das atividades comerciais e religiosas era a cidade de Makka, situada numa encruzilhada que levava ao Iêmen, Egito, Síria e Mesopotâmia. A partir do século VI, a Arábia já demonstrava alguma tendência para a unidade, tanto na área religiosa quanto na política e no comércio (OLIVEIRA, 2001).

Neste período foi criado o Islamismo ou Maometismo e

Deu-se a expansão das ideias e mesmo das tradições e da cultura dos árabes por várias partes do mundo, entre outras, a Península Ibérica (Portugal e Espanha), a Armênia, a Pérsia, o Egito, destacando-se políticos como Salomão, sultão do Egito e da Síria, que viveu entre 1138 e 1193 (MARTINS, 2001, p. 10).

### 2.2.2 2º Período: Arábia Islâmica

A história do Islã passou por várias etapas, mas acredita-se que a fé do islamismo tenha começado por volta do ano de 610, quando Maomé (nascido em 570), teve uma visão do arcanjo Gabriel, que o aconselhou a pregar ao povo de Meca, exortando-os a abandonar os numerosos ídolos que adoravam e a submeter-se a um Deus único (ROBINSON e BROWN, 1997).

Neste período floresceu a atividade intelectual do mundo islâmico e

Os estudos religiosos multiplicavam-se em todas as cidades desde Samarcanda até a península Ibérica e um enorme fôlego de conhecimentos abarcou a história, a literatura, a medicina e as matemáticas gregas que se desenvolveram até incluir a álgebra e a trigonometria; e a geografia, cuja variedade e âmbito como tema de estudo revelavam a ampla visão da época. Foi neste tempo quando a lógica e a filosofia grega, que se fundavam na pura razão com o suposto implícito de que a mente humana era superior à divina, chegaram a representar um sério desafio para a cultura religiosa (ROBINSON e BROWN, 1997, p. 23).

A Arábia do século VII, onde nasceu o Islã, era uma terra rude, isolada e voltada quase exclusivamente ao deserto. Pelas agruras do clima, a obstinação de seus habitantes foi criado um sistema de relações econômicas bastante importantes,

haja vista que lhes proporcionou a conquista de outros países, como: o Iraque, o Irã Ocidental e o Egito.

Os mercadores de caravanas constituíram repúblicas aristocráticas. Assim, em Meca, no coração da Arábia, os qoraichitas criaram um Estado bem estruturado. Meca, construída num vale pedregoso e árido, situava-se numa encruzilhada de rotas entre Damasco e Mesopotâmia, e vivia o tráfego de caravanas e da peregrinação à Caaba (NABHAN, 1996, p. 15).

Estimulados pela sua fé, os muçulmanos conquistaram muitos territórios, ultrapassando suas fronteiras da Arábia Ocidental e reordenando a geografia política do mundo mediterrâneo e da Ásia Ocidental. Chegaram à Espanha e avançaram para a França, onde a sua expansão territorial foi travada pelos francos em 732 (ROBINSON e BROWN, 1997). Sobre a expansão do Islã, é importante citar:

A expansão do Islã e as relações dos muçulmanos com outros povos do nosso planeta, ao longo de catorze séculos, constituem um dos grandes acontecimentos da história universal. O modelo de existência proposto pelo islã é um dos caminhos principais que a humanidade seguiu para viver a sua existência. O ideal de vida, estabelecido pelo Islã é um dos caminhos principais através do qual os homens deram sentido à existência. São fatos que, por si sós, deveriam exigir a nossa atenção. Uma quinta parte da população mundial é muçulmana e vive quase totalmente nas suas regiões origem. A crescente independência política e econômica da vida do globo significa que os movimentos da mesma têm repercussões cada vez maiores em todo o mundo, enquanto, através da emigração, se estabeleciam importantes comunidades muçulmanas nas principais sociedades do Ocidente. Hoje, mais que nunca, a dinâmica da história muçulmana e os valores dos povos islâmicos merecem uma ampla compreensão (ROBINSON e BROWN, 1997, p. 12).

### 2.2.3 3º Período: Dominação Otomana

A dominação Otomana teve começo em 1453 com a conquista de Constantinopla pelos otomanos.

A Arábia Saudita, constituída no século XVIII, seguindo rigidamente o texto do Alcorão e teve seu apogeu com sua presença na Bósnia, na Georgia, na

Mesopotâmia, na Argélia, na Tunísia, na Grécia, na Hungria, na Pérsia, na Crimeia e na Índia (MARTINS, 2001).

Porém, a dominação turca nunca foi aceita pacificamente pelos povos da região, surgindo, inclusive, certo nacionalismo surgiu e que se tornou acirrado até o fim do século XIX (KAMEL, 2007).

#### 2.2.4 4º Período: Arábia Moderna

Entre 1914 e 1918 o mundo mergulhou na I Guerra Mundial, na qual, de um lado a Alemanha, Itália e o Império Austro-Húngaro, contra a Tríplice Entente englobando a Grã-Bretanha, a França e a Rússia.

A II Guerra Mundial, de 1939 a 1945 trouxe reflexos ao mundo islâmico. Terminada essa Guerra, a Arábia Saudita entrou no período de sua modernidade e a maior parte dos muçulmanos alcançou a liberdade em relação aos europeus. A Síria e a Jordânia que eram os Estados Árabes que continuavam sob a tutela da Sociedade das Nações, conseguem a sua liberdade em 1945 e 1946. O Paquistão ganhou a sua liberdade em 1947 e a Indonésia, em 1949. Em 1955 alguns países africanos conseguiram a liberdade em relação aos europeus. Na década de 1960, alguns países muçulmanos ainda continuavam sob a dominação do governo colonial da União Soviética (ROBINSON e BROWN, 1997).

Uma figura de grande importância no mundo árabe a partir de 1952 foi o Coronel Nasser, que tinha chegado ao poder e estava decidido que a independência de seu país, o Egito, fosse real. Em 1956 nacionalizou o Canal de Suez, uma artéria vital para o comércio internacional e importante fonte de divisas. Ele sobreviveu às invasões israelita, britânica e francesa, e permitindo ao seu país dispor de seu próprio destino (KAMEL, 2007).

Mesmo com todas essas conquistas, os árabes não se sentiam livres. “Para os crentes muçulmanos, a independência nem sequer lhe trouxe essa liberdade circunscrita, mas antes um aprisionamento cada vez mais desesperado e uma decadência constante da fé” (ROBINSON e BROWN, 1997, p. 160).

Dito isto, existem muitas questões delicadas referentes ao Islã nos dias atuais. “Hoje, são os setores radicais do Islã, minoritários, mas estridentes, que

borram a imagem desta religião, reavivando a sua reputação, justa ou falsa, de violência e crueldade” (KAMEL, 2007, p. 125).

Neste contexto, é importante citar que:

O historiador inglês Paul Johnson, autor de *A história do Cristianismo* e *A história dos judeus*, entre outras obras, chegou a dizer, logo após o 11 de setembro, que o Islamismo é uma religião imperialista, que prega a violência e o uso da força para se espalhar (é verdade que grupos minoritários pensam assim, mas não a religião como um todo). Para provar a sua tese, Johnson citou a sura 9, versículo 5, do Alcorão, em que se lê: “Matai os idólatras onde quer que os encontréis, e capturai-os, e cercai-os e usai de emboscadas contra eles”. E concluiu: “Paz não é uma palavra que possa se encaixar facilmente nessa forma de pensamento” (KAMEL, 2007, p. 126).

Por outro lado, os muçulmanos estavam persuadidos de que havia outra saída: a via islâmica. Mais uma vez, a vida ficou completamente sujeita aos objetivos islâmicos. O conceito de governo islâmico foi reforçado pelo Atyatollah Khomeini, líder religioso e máximo do Irã, segundo esta sua definição:

O governo islâmico é um governo da lei divina. A diferença entre governo islâmico e governo constitucional – quer seja monárquico ou republicano – está no fato de, neste último, quem legisla e faz leis são os representantes do povo ou dos reis. Pelo contrário, a autoridade efetiva pertence a Deus. Ninguém mais, seja quem for, tem direito a legislar; nem há ninguém que tenha direito a governar, se não for na base da autoridade que lhe foi conferida por Deus.

É o especialista religioso, e não outro, quem se deve ocupar dos assuntos do governo (ROBINSON e BROWN, 1997, p. 171).

Nestas considerações, fica claro que estava aparecendo um tipo de revolta no povo árabe, que se baseava na força e tendo o apoio dos religiosos, que sob o pretexto de seguir o Alcorão, impunham suas ideias e o autoritarismo exacerbado.

### 3 O RESSURGIMENTO DO ISLAMISMO RADICAL

#### 3.1 FATORES CONDICIONANTES DO RESSURGIMENTO DO ISLAMISMO RADICAL

A partir do século XIX o Islã sofreu um choque sem precedentes na sua história. De repente, o homem do Islã se viu frente a frente com os valores do Ocidente e percebeu que era preciso mudar.

Essa mudança deveria proporcionar aos povos do Islã saírem da estagnação social e cultural que se encontraram. Neste contexto,

Com os choques sucessivos da modernidade, através da expansão colonial, a busca pelo progresso se impôs na consciência muçulmana como uma necessidade vital e, a partir dos anos oitenta, do século XIX, o novo discurso do Islã – social e religioso – estava carregado de conceitos que procuravam atualizar a ideia de evolução em todos os níveis da vida nacional (NABHAN, 1996, p. 107).

Mas foi no final da Primeira Guerra Mundial que a imagem secular do Irã se modificou caindo por terra “a inviolabilidade do território islâmico, superioridade da cultura e da civilização muçulmana, coesão dos povos que se uniram através da fraternidade da uma (nação muçulmana)” (NABHAN, 1996, p. 108).

Assim, em praticamente todos os países islâmicos ocorreram tentativas organizadas para desislamizar o povo. Maududi (1990, p. 59) confirma isso ao explicar que:

A educação é formulada de modo a eliminar os valores islâmicos, viciar a moral das novas gerações e aliená-las de sua cultura e tradições. Esforça-se, também, em promover novos valores culturais que levarão à corrupção da moral das massas. O pensamento e disciplinas ocidentais estão sendo introduzidos e encorajados. Todas essas políticas e esforços são no sentido de reduzir os muçulmanos à condição de povo sem caráter.

A partir dos anos 1970 as forças geradas pelo processo de globalização tiveram ação destrutiva sobre as antigas fontes de identidade e aparecendo uma completa mudança no comportamento pessoal, social e governamental. Martins (2003) ressalta que a globalização é uma das causas da desislamização que nos anos 1990 se intensificou com a dissolução da União Soviética e a cessação da Guerra Fria entre os Estados Unidos. Esse evento teve grandes reflexos no mundo islâmico e alguns governantes desses países aceitaram a cultura ocidental e tornaram o futuro de seus filhos dependentes de valores culturais ocidentais.

Nos últimos anos do século XX os muçulmanos começaram a dar uma resposta a essa transformação da sua civilização, certificando-se que os propósitos do Islã e os objetivos ocidentais eram totalmente opostos, como se vê no seguinte texto de Muahamad Ikbal citado por Robinson e Brown (1984, p. 165):

Os Ocidentais perderam a visão do céu,  
e vão à caça do espírito puro na barriga.  
A alma pura não toma a cor nem o odor do corpo,  
E o comunismo só tem a ver com o corpo;  
A religião desse profeta (Marx) que não conheceu a verdade

assenta sobre a igualdade das barrigas;  
a morada da fraternidade está no coração,  
e no coração as suas raízes, não na água nem no barro.

Também o capitalismo é a engorda do corpo,  
no seu peito tenebroso não mora nenhum coração;  
como a abelha que liba a flor  
chega à pétala e tira o mel,  
contudo caule e folha, odor e cor, tudo dá forma à rosa  
por cuja estranha beleza soluça o rouxinol.  
Vê para além do talismã, do odor e da cor,  
Tenta dizer adeus à forma, procura só o pensamento  
Embora seja difícil descrever as mortes interiores,  
não chames rosa ao que só é barro.

Também é impaciente e intolerante a alma  
do que não conhece Deus e do que engana a humanidade.  
Um vive para a produção e o outro para as taxas,  
e o homem é um vidro aprisionado entre essas duas pedras,

Um declara promover a ciência, a religião e a arte,  
o outro rouba corpo e alma, a mão do pão.  
Eu vi os dois afundarem-se na água e no lodo,  
Polidos no seu corpo, mas só trevas no coração.



Essas mudanças tiveram reflexos na sociedade muçulmana, proporcionando o aparecimento de alguns movimentos de caráter político e religioso, baseados na reislamização.

Neste contexto, apareceram os fundamentalistas, tradicionalistas, ativistas religiosos, radicalistas islâmicos, entre outros (NABHAN, 1996).

O fundamentalismo “está baseado na ideologia de contestação política e social e de recuperação da identidade muçulmana” (NABHAN, 1996, p. 109). O “rótulo” de fundamentalista revela:

Todo aquele mais obediente aos preceitos de sua crença, todo aquele que acredita ter encontrado “a” verdade e que deseja seguir no caminho dela. Estes são apenas religiosos. Alguns deles talvez se transformem em fanáticos, por viverem de um modo obsessivamente “correto”, como se Deus fosse um bedel de escola a ponto de punir o aluno relapso, por menor que seja a falta. Opção deles. Direito deles. Mas, de novo, repito: isso faz deles fanáticos, mas não fundamentalistas na acepção que hoje se dá ao termo (KAMEL, 2007, p. 172).

Esse fanatismo religioso é seguido por muitos muçulmanos radicais, que encontram apoio nas palavras de Maomé quando disse:

Combatei os inimigos na guerra da religião, matai-os em qualquer parte que os encontrardes; o perigo de mudar de religião é pior do que o assassinato. Combatei-os até que não tenhais mais medo de temer a tentação, e que o culto divino seja consolidado. Que toda inimizade cesse desde que eles abandonarem os ídolos, a vossa cólera só deve exercer-se contra os maus. Transgredi para com eles as leis que eles não observariam para convosco; o paraíso está à sombra das espadas; as fadigas da guerra são mais meritórias do que o jejum, as orações e as outras práticas da religião. Os bravos que morrem no campo de batalha sobem ao céu como mártires. Para sempre gozarão as delícias do Paraíso (KELER, 1984, p. 133-134).

Desse modo, toda essa religiosidade servia como uma tentativa de se retornar à era de ouro do Islã, tornando-se possível recriar assim uma verdadeira sociedade islâmica. Lewis (2004) conclui que esse movimento materializaria a rejeição da cultura ocidental e o reengajamento no Islã funciona como um guia cultural, religioso, social e político para a vida no mundo contemporâneo. Os muçulmanos questionavam porque uma comunidade de pessoas acostumadas a se ver como guardiã de Deus, subitamente, via-se dominada e explorada por aqueles mesmos infiéis. O fundamentalismo era visto como uma maneira segura de se lidar

com o caos e os fundamentalistas enxergavam a decadência do Islã como consequência de um afastamento dos princípios básicos da fé. Desse modo, os muçulmanos sentem-se marginalizados dentro da sociedade e passam a se opor aos valores da cultura Ocidental, buscando o fundamentalismo.

Keler (1984) explica que o processo de islamização ocorreu, num primeiro momento, no campo cultural, alastrando-se, mais tarde para os campos sociais e políticos. Essa estrutura social islâmica tomava de assalto organizações já existentes, tal como a *Al Qaeda*, que se enquadra perfeitamente nessa situação. Esses grupos tiveram forte influência e, graças a um crescente apoio da população, conseguiram diversas concessões dos governantes de então no sentido de islamizar certos setores da sociedade. Apareceram dois centros de poder que lutam pela posição de líder: a Arábia Saudita, predominante sunita, e o Irã, xiita.

Importante citar que o Irã, país situado no sudoeste da Ásia, foi quem liderou o movimento de recuperação dos princípios corânicos, através da ação popular. “Em fevereiro de 1979, em Teerã, o aiatolá Khomeini, que desde 1941 lutava contra o governo opressor do Xá Reza Pavlevi, derrubou o monarca e criou a República Islâmica do Irã” (NABHAN, 1996, p. 110).

Por sua vez, “Os radicais do Islã não são perigosos porque são fanáticos, porque são ‘fundamentalistas’; eles são perigosos porque são totalitários” (NABAHAN, 1996, p. 177).

Quanto à Arábia Saudita, eles seguem o wahhabismo, uma seita tão sectária que sequer se admite como seita: eles se consideram o verdadeiro Islã e acham que todos os outros muçulmanos, sejam sunitas ou xiitas, são considerados inferiores. É um país, que por força do petróleo, financiou todos os movimentos dos países vizinhos que pensassem de maneira igual. Em 1979, o país se viu frente a frente com uma revolta por iniciativa de grupos rebeldes que tomaram a mesquita de Meca exigindo a queda da família, o corte de relações diplomáticas com o Ocidente e a volta da Arábia Saudita aos seus valores tradicionais. Essa rebelião é tida como precursora da *Al-Qaeda*, um movimento com repercussões em muitos países do mundo, por suas atitudes revolucionárias (KAMEL, 2007).

## 3.2 A ASCENSÃO DO TERRORISMO ISLÂMICO NO ORIENTE MÉDIO

### 3.2.1 O Hezbollah

O Hezbollah é um movimento cujo princípio foi a criação de um Estado puramente islâmico, sendo esta a única forma do Líbano se recuperar da destruição provocada por anos de guerra civil e de intervenção do Ocidente.

Foi criado em 1982 por um grupo de clérigos muçulmanos, após a invasão israelense do Líbano. Esse movimento é organizado em uma estrutura hierárquica, estando no topo um conselho consultivo composto por clérigos xiitas libaneses aprovados por Teerã (BBC, 2016).

Recebe ajuda militar e financeira do Irã e tem como objetivo exportar o modelo de revolução iraniana. Desenvolve intenso trabalho social, oferecendo escolas e serviços médicos às populações mais pobres. Nos seus primeiros anos de atividades, esse movimento empregava terroristas suicidas (BBC, 2016).

A primeira ação terrorista que se tem notícia desse movimento foi o ataque simultâneo realizado em 23 de outubro de 1983 contra as tropas americanas e francesas que compunham a Força de Paz das Nações Unidas enviadas ao Líbano para evitar que se repetissem as atrocidades cometidas pelas milícias cristãs nos massacres de Sabra e Chatila. Foram ataques suicidas e deixaram 241 fuzileiros navais norte-americanos e 58 paraquedistas franceses mortos. O governo dos EUA classificam o Hezbollah como um grupo terrorista (BBC, 2006).

Nos anos 1990 o Hezbollah realizou vários atentados em outras partes do mundo, como na embaixada de Israel na Argentina, em 1992, que causou a morte de 29 pessoas e contra a Associação Mútua Israel Argentina (AMIA) em 1994, também em Buenos Aires, com a morte de 86 pessoas (BBC, 2006).

Porém, o maior teste do Hezbollah aconteceu em 2006, quando seus militantes capturaram dois soldados israelenses em um ataque que deixou militares mortos. O movimento agüentou a ofensiva militar israelense e sagrou-se como vitorioso, aumentando sua popularidade no mundo árabe (BBC, 2006).

Pode-se dizer que ao longo dos anos, o Hezbollah foi o principal responsável pela radicalização da comunidade xiita no Líbano e para consolidar suas ações ele

recebe ajuda financeira do Irã. O movimento também explora várias atividades comerciais para arrecadar dinheiro para suas atividades.

### 3.2.2 A Al Qaeda

O movimento Al Qaeda deu novo impulso ao terrorismo, transformando-o num instrumento global para desafiar a influência ocidental no mundo muçulmano.

Segundo Francisco (2016) esse movimento foi fundado por Osama Bin Laden em 1989, formada por fundamentalistas islâmicos e árabes. É uma organização guiada pelos princípios básicos do pensamento radical islâmico. Tem bases em vários países como a Somália, Argélia, Líbia, Chade, entre outros.

A Al-Qaeda passou a ser conhecida, mundialmente, após o maior atentado terrorista da história. No dia 11 de setembro de 2001, 19 integrantes dessa organização sequestraram quatro aviões comerciais nos Estados Unidos, onde duas aeronaves foram lançadas contra as torres gêmeas do *World Trade Center*, promovendo a destruição dos prédios mais altos de Nova York. Outro avião caiu em Washington, no Pentágono. A quarta aeronave caiu em um campo próximo à Pittsburgh. Esses atentados terroristas provocaram a morte de aproximadamente 3 mil pessoas, além de gerar um prejuízo financeiro de 90 bilhões de dólares aos Estados Unidos (FRANCISCO, 2006, p. 1).

A Al Qaeda deixa claro que todos esses atentados são por conta de uma guerra santa (o Jihad) contra as potências ocidentais. Esse grupo terrorista tem vários negócios no mundo árabe, especialmente no Sudão, onde Bin Laden treina militantes em técnicas especiais, armamentos, explosivos e destruição. Neste país, Bin Laden desenvolveu um sistema de células terroristas independentes, arregimentando vários grupos terroristas islâmicos de todas as partes do mundo. A partir daí o movimento fortaleceu-se lançando vários atentados terroristas (WRIGHT, 2007).

No Afeganistão, Bin Laden apoiou os Talibãs, um dos grupos em conflito e que tinha como objetivo a implantação de um Estado Islâmico na sua concepção mais radical. Bin Laden instalou toda a infraestrutura de treinamento e de operações nesse país, que lhe oferecia total cobertura para o desenvolvimento de suas atividades de planejamento, preparação e coordenação (WRIGHT, 2007).

No Egito, Bin Laden é bastante conhecido, pois o país é berço da Jihad Islâmica egípcia, grupo inseparável da Al Qaeda. No Marrocos vários integrantes do grupo de Bin Laden foram presos, acusados de planejar um atentado contra navios americanos e britânicos. Também foram detidos vários outros suspeitos de integrar esse movimento, que planejava ações contra alvos ocidentais no País. O Paquistão já sofreu vários atentados por conta da Al Qaeda e por isso, as forças de segurança do país vêm prendendo militantes do Al Qaeda (BBC BRASIL, 2002).

A Al Qaeda tem alcance global e ao longo dos anos procurou uma aproximação com diversos grupos islâmicos, o que lhe permitiu atingir alvos por toda a parte do mundo. Para isso conta com diversas táticas de ataques terroristas em suas ações. É financiada pelas mais diversas fontes, que vão desde a fortuna pessoal de Osama Bin Laden e outros patrocinadores islâmicos de países como a Arábia Saudita, Kuwait, Catar e outros países do Oriente Médio (WRIGHT, 2007).

### 3.2.3 Outros Grupos Terroristas

O Hamas é um grupo terrorista que tem como finalidade principal destruir o estado de Israel e o estabelecimento da Palestina. É mais um grupo radical islâmico e iniciou suas atividades entre 1988 e 1989 contra os árabes, num primeiro momento e mais tarde foram realizados alguns ataques contra os israelenses. O grupo praticou vários atentados suicidas contra alvos israelenses, como o massacre de Bet Lid em 1993, onde foram mortas vinte e uma pessoas. Em 1996 foram praticados vários atos terroristas contra ônibus israelenses deixando várias pessoas mortas. Em 2001, o Hamas realizou vários atentados suicidas contra instalações militares israelenses e assentamentos judaicos nos territórios ocupados. Em 2002 o grupo realizou vários ataques contra ônibus, bares, mercados e boates nas principais cidades israelenses. O Hamas chegou ao poder em 2006, quando foi vencedor das eleições do Parlamento palestino. Em 2011, o Hamas reprovou a ação norte-americana que acabou por matar Bin Laden (ARAUJO, 2016).

A Jihad Islâmica Palestina fundada no Egito em 1979 tem pouco mais de uma centena de militares e recebe suporte financeiro e logístico do Irã. Tem como finalidades ações terroristas somente. Em 2001 orquestrou um atentado em

Jerusalém, onde matou 20 pessoas. Emprega carros-bomba ou terroristas suicidas que detonam os explosivos presos em seu corpo em restaurantes, mercados ou paradas de ônibus (BBC BRASIL, 2002).

Dessa maneira, fica claro que todos esses grupos fundamentalistas islâmicos têm em comum um objetivo eminentemente nacionalista e buscam através de atos terroristas consolidar seu poder e influência não só nas regiões onde estão localizados, mas com reflexos no mundo todo.

## 4 O ESTADO ISLÂMICO

### 4.1 FATORES QUE DESENCADARAM O NASCIMENTO DO ESTADO ISLÂMICO

Falar sobre o Estado Islâmico abre espaço para muitas polêmicas e surgiu porque “em todos os países muçulmanos o povo não está disposto a acompanhar os governantes na direção que estes pretendem levá-los e os governantes não estão preparados para guiar o povo na direção que este deseja seguir” (MAUDUDI, 1990, p. 59). Por causa disso, tem ocorrido um conflito contínuo em todos os países muçulmanos e, também, um progresso lento ou inexistente nesses países.

Neste contexto, a Arábia Saudita, juntamente com outras monarquias do Golfo tem envidado esforços para neutralizar as pretensões nacionalistas e socialistas e controlar o fundamentalismo islâmico (NABHAN, 1996).

Contudo, tal iniciativa parece que tem sido pouco proveitosa, e a unidade no mundo islâmico está longe de ser alcançada. “O discurso de ruptura com a ordem estabelecida convenceu os muçulmanos, de certas regiões, de que a única autoridade é a de Deus, organizando as vidas material e espiritual” (NABHAN, 1996, p. 110).

Levando em conta esses aspectos é que surgiu o Estado Islâmico, que nas palavras de Weiss e Hassan (2015, p. 14-15) é:

Uma organização terrorista, mas não é somente uma organização terrorista. Ele também é uma máfia adepta em explorar mercados obscuros transnacionais que existem há décadas para o tráfico de petróleo e armas. É uma organização militar que mobiliza e distribui soldados de infantaria com uma precisão profissional que impressionou membros do exército norte-americano. É um aparato sofisticado de coleta de inteligência que se infiltra em organizações rivais e recruta silenciosamente membros ativos antes de assumir o controle total dessa organização, derrotando-os no campo de batalha ou tomando suas terras. É uma máquina de propaganda eficiente e hábil na disseminação de sua mensagem e na chamada de novos recrutas através das mídias sociais. O EI também é um remanescente espectral de um inimigo mais antigo ainda que a al-Qaeda. A maioria dos seus principais comandantes serviu no exército ou nos serviços de Saddam Hussein. De certa maneira, então o Baathismo secular retornou ao Iraque sob o disfarce e do fundamentalismo islâmico – uma contradição menor do que poderia parecer.

Dessa maneira, o Estado Islâmico tem uma organização que está se capacitando cada vez mais na tentativa de formar um espaço de terrorismo internacional, com atuação em diversos países, utilizando tecnologias e todo o aparato da internet.

## 4.2 FUNDAÇÃO E ORIGENS DO ESTADO ISLÂMICO

O Estado Islâmico foi fundado em 28 de junho de 2014, o primeiro dia do Ramadã, por Abu Bakr al-Baghdadi – ungido Califa Ibraim. Ele pregou do púlpito da Grande Mesquita de al-Nuri em Mosul, uma cidade da qual suas forças haviam tomado controle dias antes. Para essa facção islâmica a humanidade podia ser dividida em dois campos: o primeiro, o campo dos muçulmanos e dos mujahidin (guerreiros sagrados) por toda parte; o segundo era “o campo dos judeus, dos Cruzados e seus aliados” (WEISS e HASSAN, 2015). Por sua vez, a história da formação do Estado Islâmico:

Está atrelada aos projetos que a Al-Qaeda – organização terrorista fundada por Bin Laden e responsável pelos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 – desenvolveu para a conquista de poder na Síria e no Iraque após a guerra que os Estados Unidos da América e outras nações ocidentais deflagraram contra Saddam Hussein em 2003. O Estado Islâmico – que já foi chamado de Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS, em Inglês) – originou-se como um braço da Al-Qaeda que atuava na região do Levante, na fronteira entre os dois países citados, mas logo se tornou independente da organização de Bin Laden e passou a atuar seguindo suas próprias regras. Os membros mais antigos da Al-Qaeda já declararam que o EI possui uma postura amplamente mais radical que a rede responsável pelos ataques de 11 de setembro (FERNANDES, 2016, p. 1).

Outrossim, o fundador do EI, al-Baghdadi apresentou-se como o herdeiro do califado Abássida medieval, assim como o espírito personificado do seu predecessor heróico, Abu Musab al-Zarqawi, que descobriu pela primeira vez o salafismo, uma doutrina que, na sua forma contemporânea, defende um retorno à pureza ideológica e às tradições do Profeta Maomé. Os salafistas consideram a democracia e a modernidade irreconciliáveis com o Islã, como também, os principais poluidores do mundo árabe. Os salafistas são adeptos do jihad uma palavra que significa ‘luta’ em árabe e contém uma série de definições (WEISS e HASSAN, 2015).



Nas palavras de Jalal (2009, p. 23) a jihad:

Representa a oposição política entre o mundo islâmico e o Ocidente, a diferenciação cada vez mais marcada entre muçulmanos e não muçulmanos. O próprio Corão define a jihad em termos muito mais amplos do que o uso político feito dela para atender às necessidades do expansionismo árabe. Por sua vez, a proeminência dada aos textos legais e teológicos nos estudos modernos fez a jihad ser inquestionavelmente associada à guerra ideológica contra os inimigos do Islã. Despida de suas dimensões internas e reduzida à perpétua guerra santa contra os não muçulmanos, a jihad torna-se receita para o desequilíbrio e inversão de um conceito-chave do islamismo.

Voltando ao assunto, Al-Zarqawi treinava recrutas palestinos e jordanianos para o que ele chama de Jund-al-Sham (Soldados do Levante), embora a bandeira acima da entrada do campo carregasse o slogan que mais tarde tornar-se-ia o nome da sua célula terrorista no Iraque “Tawid wal-Jihad” (Monoteísmo e Jihad). Após os ataques de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas nos Estados Unidos e o começo da invasão do Afeganistão, o Jund-al-sham fundiu-se com outras células terroristas para tornar-se o Ansar-al-Islam, que tinha como alvos: o regime Baathista em Bagdá e a União Patriótica do Curdistão (UPC) por Jalal Talabani, o presidente que assumiu o Iraque após a caída de Saddam Hussein. Atualmente o Estado Islâmico tem sob seu controle aproximadamente 40 mil km<sup>2</sup> no Iraque e na Síria. Esse território inclui as cidades de Mosul, Tikrit, Faluja e Tal Afar no Iraque, e Raqqa na Síria, além de reservas de petróleo, represas, estradas e fronteiras (WEISS e HASSAN, 2015).

Por aproximadamente um ano após a sua fuga do Afeganistão, al-Zarqawi ficou baseado no Irã e no norte do Iraque, onde estabeleceu suas bases de ação. O advento do terror de al-Zarqawi no Iraque notabilizou-se por seu foco em matar ou atormentar a maioria xiita da população do país. Vivem sob a tutela do Estado islâmico, aproximadamente 8 milhões de pessoas, no qual as mulheres são forçadas a usar véu, realizando conversões forçadas, obrigando o pagamento de um imposto e impondo castigos severos, que incluem inclusive execuções (WEISS e HASSAN, 2015).

Entre 2003 e 2005, os Zarqawistas ainda eram uma minoria no terrorismo do Iraque. O Estado Islâmico executou sua campanha atual na Síria e no Iraque seguindo a estratégia de al-Zarqawi. Em junho de 2014, após saquear o Campo Speicher, a antiga base norte-americana em Tikrit, os jihadistas de al-Baghdadi orgulhavam-se de ter executado mil e setecentos soldados xiitas que haviam se rendido do exército iraquiano (WEISS e HASSAN, 2015).

O Al-Zarquawy provou-se um pioneiro terrível em outro aspecto importante: o casamento da ultraviolência pavorosa e a mídia em massa. Os comandantes do Estado Islâmico hoje em dia, têm um gosto especial por decapitações e a atenção que elas obtêm no Ocidente (WEISS e HASSAN, 2015). Essa prática é normalmente usada pelo Estado Islâmico e em agosto de 2014, foi divulgado um vídeo que mostra a decapitação do jornalista britânico James Foley, desaparecida na Síria desde 2012 (FERNANDES, 2016).

Esses procedimentos contrariam a Lei Islâmica que tem como principal objetivo:

Libertar o homem, elevar a sua posição, assegurar-lhe a dignidade e a honra, preconizados por Deus, Que tem evidencia Sua homenagem e Sua preferência a todos os membros do gênero humano, no Alcorão. [...] O Islã, como lei divina que é, criada para fazer a humanidade conhecer a senda reta e sair dos labirintos da ignorância, da injustiça, do fanatismo e da escravidão, para a luz da ciência, da justiça, da tolerância e da liberdade, não pode ser conhecido através do comportamento de alguns muçulmanos, principalmente nos períodos da ignorância, da fragilidade e da desunião, ou ainda, quando foram motivados pelo comportamento de seus inimigos, que os envolveram em guerras, o que lhes fizeram perder a razão e transgredir seus preceitos religiosos (EL BERRY, 1989, p. p. 14).

No entanto, essa não é a norma seguida pelos terroristas do Estado Islâmico, que seguem uma estratégia sinistra de Al-Zarquawi num texto intitulado *Idaeat al-Tawahhush*, ou A Administração da Selvageria, publicado online em 2004 como um manual de campo e manifesto combinado para o estabelecimento do califado. Al-Zarquawi foi morto em 2006, mas não significou o fim da AQI (Al Qaeda no Iraque), pois assumiu o seu cargo al-Zawahiri (WEISS e HASSAN, 2015).

O Estado Islâmico teve ascensão no Iraque, coincidindo com o aumento, em frequência, e sofisticação, dos ataques de carros-bomba, aumentando a carnificina

de atentados. Os carros-bomba são armas para perturbar psicologicamente o inimigo antes de uma grande investida militar. No Iraque o EI foi duramente castigado, mas teve uma ressurgência quando tomou uma grande faixa de território na Síria, um fato que o regime de Bashar al-Assad tentou explorar para reivindicar sua condição de vítima nas mãos do terrorismo internacional (STUTE, 2016).

Apesar do Estado Islâmico ser comandado por Abu Bakr al-Baghdadi desde 2010, há poucas informações sobre sua vida. Nascido em 1971 próximo da cidade de Samarra, al-Baghdadi tornou-se um acadêmico de estudos islâmicos, obtendo tanto um bacharelado, quanto um doutorado no assunto da Universidade de Ciências Islâmicas em Bagdá. No entanto, a ascensão de al-Baghdadi proclamou mais uma mutação do Estado Islâmico, ou melhor, uma regressão dele na história da insurgência sunita. A brutalidade, o traço comercial, como o Estado Islâmico está se comportando dentro e fora do campo de batalha. Isso significa que al-Baghdadi está demonstrando uma intenção pura e simplesmente de aniquilação, seguindo a tradição patológica sombria de al-Zarqawi (WEISS e HASSAN, 2015).

O Estado Islâmico chegou à Síria quando, em agosto de 2011, despachou um punhado de operativos para aquele país. Entre eles estava al-Johani, um sírio de Damasco que havia combatido com o Estado Islâmico do Iraque estava prestes a redirecionar a sua atenção contra o regime que provavelmente havia um dia facilitado seu tráfego na direção oposta. Ele passou perto de seis meses construindo uma rede jihadista clandestina na Síria. Praticamente, o Estado Islâmico se aproveitou do vácuo de poder na Síria, se ampliou e se rebatizou como Estado Islâmico do Iraque e do Levante (STUTE, 2016).

#### 4.3 A ATUAÇÃO DO ESTADO ISLÂMICO

O Estado Islâmico tem uma organização que abrange uma ampla gama de costumes e sistemas de crenças entre seus afiliados, de oportunistas ateus e capitalistas da guerra, passando por membros de tribos pragmáticos e takfiris<sup>4</sup> comprometidos e dominando os escalões médios e superiores do EI, subscrevendo

---

<sup>4</sup> Representa os descrentes entre os muçulmanos.

um conjunto restrito de dogmas doutrinários em discordância com a ideologia mais expansiva do movimento.

O EI teve ganhos significativos ao nível ideológico. Muitos islamitas tinham dificuldades em se reconciliar com a ideia de combater um grupo salafista como eles – uma posição compartilhada por muitos sírios comuns, que acreditavam que qualquer desvio do conflito principal contra o regime sírio de al-Assad e seus testas de ferro iranianos. O EI beneficia-se da ausência de um discurso jihadista “sírio” para acompanhar a violência cada dia maior em uma nação destruída pela guerra e que até agosto de 2014 já tivera aproximadamente duzentas mil mortes (WEISS e HASSAN, 2015).

De acordo com Stute (2016, p. 1):

Vingança é a mensagem principal do Estado Islâmico. A apresentação estética usa uma linguagem clara. Ao vestir a vítima com um macacão laranja, como os detentos de Guantánamo, eles estão dizendo: “Estamos invertendo a situação”. A segunda mensagem é a da intimidação: “Se você usar força militar contra nós, então, vamos revidar com todos os meios à nossa disposição. Se necessário, vamos transformar em alvos todos os seus cidadãos que estão ao nosso alcance: jornalistas, funcionários de empresas ocidentais na região curda e pessoas que trabalham em organizações humanitárias.

O EI emprega o simbolismo islâmico para animar seus combatentes e atrair a simpatia dos muçulmanos fora de sua órbita. Assim, Al-Baghdadi reivindicou ser um descendente de Hussain, o neto do Profeta, que é uma precondição estabelecida por muitos eruditos islâmicos para que alguém reivindique legitimidade para governar muçulmanos. O Iraque e a Síria foram os berços dos primeiros impérios muçulmanos, e os locais de nascimento de muitos dos profetas de Deus, assim como os locais de enterro de muitos dos companheiros do Profeta. Esses símbolos são usados como munição para o EI promover a sua ideologia e ganhar legitimidade entre os muçulmanos conservadores, e não mais efetivamente utilizados para públicos divorciados da realidade do dia a dia do controle do EI. Outrossim, muitas das práticas que o EI reviveu têm a intenção de serem toques de aviso da profecia islâmica, incluindo a explosão de santuários e jogar homossexuais do topo de prédios (WEISS e HASSAN, 2015).

Nos vídeos de propaganda do Estado Islâmico é possível ver:

Combatentes reunidos para rezar ou recitar versos juntos, mas que também se divertem uns com os outros, rindo e nadando. Civis também são retratados, tanto em seu sofrimento quanto em eventos como festas de crianças ou excursões organizadas pelos jihadistas. A mensagem é que, “sob a proteção do Estado Islâmico”, uma vida segura é possível (STUTE, 2016, p. 2).

Porém, na prática, isso é diferente, pois o Estado Islâmico é a primeira e única franquia jihadista na história a ser bem-sucedida em colocar membros de uma mesma tribo uns contra os outros. Separou-se da al-Qaeda em 2 de fevereiro de 2014. O EI assume uma rota ultraconservadora e de direita absoluta. Para eles, é legítimo matar mesmo aqueles que você pode repelir de outra maneira sua agressão. Para o EI, a legitimidade teocrática segue a tomada e administração do terreno. Também atua como mediador entre as tribos árabes locais que estão em alguma disputa. A tortura é comum, também. O EI passou a prender membros do Exército Sírio Livre, que eles acusam de serem agentes de serviços de inteligência estrangeira. Sentenças de vários crimes designados pelo EI são cumpridas publicamente na praça central de al-Bab. Estas vão desde membros decepados a decapitações, dependendo do crime (WEISS e HASSAN, 2015).

O EI instituiu a lei da Sharia, forçando as mulheres a vestirem as roupas “Daesh” e a cobertura geral da cabeça e rosto. Também baniram os cabeleireiros, o barbear também é proibido, não é permitido fumar, nada de narguilé e jogos de cartas. Eles tornaram tudo ruim para os civis agora. Eles forçam as pessoas a irem à mesquita para as rezas, fechar seus negócios. Ninguém pode caminhar nas ruas durante as rezas. Eles raptaram quase todas as pessoas trabalhando nos centros de ajuda (WEISS e HASSAN, 2015).

#### 4.4 POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESTADO ISLÂMICO

O Estado Islâmico tem uma política internacional definida? Ao que parece o EI é apenas uma organização terrorista. Porém, esse não é o pensamento de Fusco (2016). Para ela, o Estado Islâmico quer instaurar no Oriente Médio um califado, forma de governo totalitário e monárquico comandado pela Sharia, um conjunto de leis da fé do Alcorão e da Suna, misturados a tradições e costumes dos primeiros séculos do Islã. Também mostra que o Estado Islâmico é extremamente organizado, com lideranças territoriais bem definidas, um mercado negro de arte e matéria-prima que financia o grupo e planos estratégicos. O objetivo do grupo não é religioso, mas político. Dessa maneira esses “muçulmanos demonstram estarem sendo movidos unicamente por interesses próprios” (MAUDUDI, 1990, p. 61).

As ações dos muçulmanos, segundo Oliveira (2001, p. 80) devem ser as seguintes:

Os muçulmanos devem remover a tirania, a traição, a intolerância e introduzir a equidade. Devemos providenciar o conhecimento verdadeiro e libertar as pessoas da escravidão do “associativismo”, do preconceito, da superstição e da mitologia. Os muçulmanos removem a imoralidade, o medo, o crime, a exploração – que são substituídos pela moralidade, pela paz e pela educação. [...] O islamismo rejeita a violência, o terrorismo e o extremismo, independentemente das razões que estejam por trás deles.

Como se observa, as ações terroristas orquestradas pelo Estado Islâmico trazem controvérsias em virtude do que o Alcorão impõe, porém, o próprio livro afirma que o muçulmano deve dar sua vida em prol da Jihad (MAUDUDI, 1990).

A forma do Estado Islâmico de se relacionar internacionalmente é através de atos terroristas, nos quais o grupo executa detalhado planejamento a fim de levantar alvos que irão causar alto impacto na vida das populações e afetar diretamente as economias nacionais, refletindo assim, diretamente, no funcionamento normal das sociedades. O que se espera com tais atos é despertar um sentimento de medo na população, afetando a normalidade de um país e atingindo a popularidade dos governos.

O Estado Islâmico mantém o poder em algumas partes dos territórios que conquistou por mais de um ano e expandiu suas ações para alguns países ocidentais, como os atentados na França em 2015. Assim, internacionalmente, o Estado Islâmico não é reconhecido, mas tenta se promover através de atos terroristas causando impacto em todo o mundo.

## CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi dito, tem-se que o Estado Islâmico é um grupo terrorista multinacional, com estrutura funcional muito bem organizada e composto por homens bem adestrados e dispostos a morrer pela causa do Islã.

Para atingir seus objetivos, emprega as mais diversas táticas e técnicas e recebe apoio de alguns países islâmicos. Esse grupo tem alcançado uma campanha de terror sistemático em dimensão global.

Internacionalmente, para alcançar seus objetivos pratica atos de terrorismo contra diversos países do Ocidente, como França, Inglaterra, entre outros.

O Estado Islâmico declara uma guerra santa contra os ocidentais, mas seu objetivo é a concretização de uma comunidade muçulmana, fim este que só será possível pelo ataque e destruição do poderio dos países capitalistas.

O pensamento doutrinário do Estado Islâmico deixa claro que a religião é um elemento claramente presente e preponderante na ação do mesmo. O Estado islâmico instituiu a ideia inicial de travar uma luta contra alguns governos locais, considerados aliados dos países do Ocidente, como a Síria e o Iraque, visando a unificação do mundo muçulmano.

Por fim, pode-se dizer que o Estado Islâmico tem se mostrado firme diante da sociedade internacional e com o propósito de lutar contra a posição dominante da civilização ocidental. O grupo representa hoje, uma das maiores ameaças à estabilidade do planeta, sendo um dos mais eficientes organismos terroristas de todos os tempos.



## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Felipe. **Hamas**. Disponível em:  
<http://www.infoescola.com/islamismo/hamas/> Acesso em: 6 jan. 2016.
- BBC. **Saiba mais sobre o Hezbollah**. Disponível em:  
[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110125\\_perfil\\_hezbollah\\_ji.shtml?print=1](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110125_perfil_hezbollah_ji.shtml?print=1) Acesso em: 5 jan. 2016.
- BBC BRASIL. **Conheça as atividades da Al Qaeda no mundo islâmico**. (2002)  
 Disponível em:  
[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020910\\_alqaedars.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020910_alqaedars.shtml) Acesso em: 6 jan. 2016.
- EL BERRY, Dr. Zacaria. **Os direitos humanos no Islã**. São Bernardo do Campo, SP: Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, 1989.
- FERNANDES, Claudio. **Estado Islâmico**. Disponível em:  
[historiadomundo.uol.com.br/idade.../estado-islamicogrupo-terrorista.htm](http://historiadomundo.uol.com.br/idade.../estado-islamicogrupo-terrorista.htm) Acesso em: 11 jan. 2016.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Al Qaeda**. Disponível em:  
<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/alqaeda.htm> Acesso em: 5 jan. 2016.
- FUSCO, Claudia. **Seis mitos sobre o Estado Islâmico**. Disponível em:  
<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2016/01/6-mitos-sobre-o-estado-islamico.html> Acesso em: 10 jan. 2016.
- KAMEL, Ali. **Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos judeus e cristãos e as origens do terrorismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- KELER, Theodore M.R.von. **Maomé e o Islam**. São Paulo: Tecnoprint, 1984.
- JALAL, Ayesha. **Combatentes de Alá**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- LEWIS, Bernard. **A crise do Islã: guerra santa e terror profano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MARTINS, Celso. **Como entender o islamismo**. Rio de Janeiro: DPL, 2001.
- MAUDUDI, Alimam Abul A'La. **O Islã hoje**. São Bernardo do Campo, SP: Junta de Assistência Social Islâmica Brasileira, 1990.

NABHAN, Neusa Neif. **Islamismo**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo. **Para compreender o Islã e os muçulmanos**. Niterói, RJ: Heresis, 2001.

ROBINSON, Francis; BROWN, Peter. **Mundo Islamita**. Rio de Janeiro: Edições del Prado, 1997.

SEDA, Pete. **O Islão é....** Publicado por: *The Islamic Propagation Office in Rabwah*. 1ª.ed. 1425/2004.

STUTE, Dennis. **Vingança é principal mensagem do Estado Islâmico**. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/quem-est%C3%A1-por-tr%C3%A1s-do-estado-isl%C3%A2mico/a-18856512> Acesso em: 10 jan. 2016.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico**. São Paulo: Seomin, 2015.

WILLIAMS, John Alden. **Islamismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

WRIGHT, Lawrence. **O vulto das torres: a Al Qaeda e o caminho do 11/9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

